

# DA MEMÓRIA DOS OUTROS

Meu nome é Tatiana Devos Gentile, trabalho com imagens. Tenho como interesse de pesquisa o corpo, o movimento, a memória e os encontros. Em setembro de 2022 participei do seminário *Poiésis de Arquivo – entre invenção e conservação*, na PUC-Rio, a convite de Daniel Castanheira, que me pediu para falar de um trabalho meu intitulado “da memória dos outros”. Daniel conheceu o trabalho quando o chamei para fazer comigo a parte da instalação sonora. Um trabalho realizado em meados de 2013.

Escrevo aqui como um caderno de anotações de um processo, um caderno que não existe, um caderno inventado.

## DA MEMÓRIA DOS OUTROS

Nesse trabalho, a partir da minha memória, acervo pessoal em fita cassete de áudio e super 8, peço a memória dos outros emprestada no mesmo suporte. O que chamo aqui de *minha memória* são correspondências imagéticas e sonoras, em filmes super 8 e fitas k7s trocadas pelos meus pais e eu com meus avós e amigos, durante parte da minha infância. Quando eu era pequena, morei na França com meus pais durante quatro anos. A correspondência com meus avós e com os amigos era composta por filmes super 8 e fitas cassetes de áudio. Minha mãe me disse um dia que eles tinham medo de que eu me esquecesse deles. Os filmes e as fitas cassetes eram para não esquecer. A imagem e o som como forma de guardar o outro. Se essa história é verdadeira ou não, não importa. Faz parte da minha memória. E toda memória é inventada. Hoje eu tenho um material que fala dos afetos. A partir desse material, tive o desejo de fazer esse trabalho. Com a minha memória pedir aos outros suas memórias emprestadas nos mesmos suportes e criar uma possível memória outra, uma memória inventada. Para mim, pouco importa se ela é minha ou é do outro, elas são construídas da mesma matéria – os afetos. Daquilo que somos feitos. Do que é que a memória é feita? Com quais imagens? Com quais sons? O que fica impresso no corpo?



Pego emprestada aqui a ideia de fabricação de corpo, mencionada por Eduardo Viveiros de Castro, num texto clássico da literatura da etnologia – “Fabricação de um corpo na sociedade Xingüana”. Para a sociedade xingüana, o corpo é constantemente fabricado, concretamente, pelo seu entorno, seus fluidos, sua sociabilidade, seus cantos, histórias, desenhos corporais. Como se o jenipapo da pintura e os seus desenhos e caminhos entrassem pelos poros da pele e fizessem – e fazem – parte dessa construção, desse corpo. A memória encarnada na pele porosa. Gosto de pensar as imagens assim. A imagem super 8 projetada nos corpos entrando literalmente e concretamente pelos poros. A escolha de projetar a imagem nos corpos veio daí. O corpo não só como suporte das imagens, mas as imagens como construtoras de um novo corpo de memórias, como se a imagem projetada fosse, assim como a pintura corporal indígena, entrar pela pele e fazer parte dessa fabricação. As imagens como agentes de um corpo saudável. A memória encarnada. O corpo como tela, tela com suas dobras, pintas, pelos, cicatrizes, tatuagens. A pele como textura, como superfície porosa e a imagem do filme super 8 como agente de construção desse corpo. Uma textura que vai ao encontro da imagem. A escolha não de uma tela branca, mas uma “tela” porosa, com relevos, cicatrizes e interferências, uma tela com o tempo. O tempo do filme, já numa imagem gasta, com o tempo da pele e suas marcas.

## O SOM

Os trechos selecionados das fitas k7s trazem o som também como fabricante de imagens, de corpos. Uma história para uma pessoa, uma canção, uma piada, um relato, uma declaração de amor. Entrar no mundo do outro para chegar no seu. A escolha do desenho da instalação sonora foi feita pelo desejo de colocar as pessoas que estão ouvindo uma perto das outras. A proximidade dos corpos, dos sons. O som incorporado de imagens. O meu processo de criação funciona muito por imagens. Desde o início do trabalho tinha uma imagem muito presente do filme *A Fraternidade é*

*vermelha*, uma cena em que a protagonista entra numa loja de discos e tem vários fones pendurados, um do lado do outro. Não sabia explicar muito bem o motivo, mas era aquela imagem que me guiava, chamava de “um chuveiro de fones”.



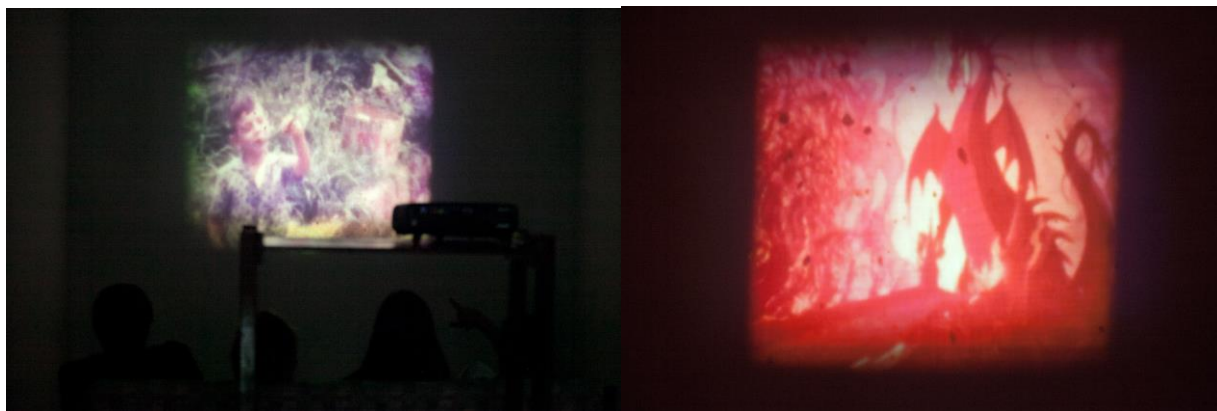
Em 2013, entrei para a Residência da Bolsa Pampulha, do Museu de Artes da Pampulha em Belo Horizonte, para desenvolver esse trabalho. O processo de residência foi muito rico pela troca com os artistas e os curadores. Comecei a desenvolvê-lo e lembro que o primeiro obstáculo com que me deparei foram os anúncios. Vinha de um outro trabalho chamado “Mire veja:” em que convido as pessoas para dançarem para mim, seja por convite pessoal, seja por anúncios espalhados pela cidade. Resolvi fazer o mesmo tipo de anúncio achando que poderia funcionar. Não funcionou. Fui me dando conta de que o que eu estava pedindo era um dos materiais mais preciosos que as pessoas tinham e guardavam durante anos e anos. De uma intimidade absurda para uma pessoa desconhecida. E que provavelmente não entregariam num anúncio, e talvez nem mesmo entregassem de qualquer outra forma. Os filmes super 8, por conta do suporte, provavelmente nunca mais tinham sido vistos. Durante os meses de residência, continuei com o anúncio na internet, na rua, mas o que funcionou foi o boca-a-boca, o amigo do amigo do amigo. Assim fui conversando com as pessoas, dividindo sobre o trabalho e elas foram aos poucos aceitando o meu convite e emprestando as suas memórias.

O encontro se dava da seguinte forma: chegava na casa da pessoa, levando o projetor super 8, víamos os filmes juntos, a pessoa escolhia qual ela queria projetar nela e assim era feito. Muitas vezes as pessoas se emocionavam, porque nunca mais tinham visto essas imagens. Compartilhávamos ali um momento de intimidade imensa mesmo acabando de se conhecer. Depois da escolha do filme, o “telecine” era feito. A pessoa virava de costas, tirava a roupa de cima e a imagem era projetada nas costas e eu filmava. Aqueles 3 minutos do rolinho do super 8 se transformavam num tempo sem tempo. 3 minutos, 3 horas, 3 segundos. Pelos corpos passaram imagens de festa de família, imagens cotidianas de crianças, fazendas, banhos de piscina de namorados, flores, paisagens, ida do homem à lua, nascimentos, casamentos, Hitchcock, Concertos de música, aniversários, Tom e Jerry, Bela Adormecida, Chaplin, dentre outras imagens. Quando tudo acabava, guardava tudo, agradecia e ia embora. A situação me fez pensar numa situação de análise ou ainda num caso que Mário de Andrade conta, no seu livro *O Turista Aprendiz*. No livro, Mário conta a ida a um terreiro, para ser rezado. Ele descreve tudo em detalhes, com uma intensidade, e no final diz: 30 contos de réis. Um encontro de uma intimidade máxima, único e depois um – ok, obrigada, até a próxima. Aviso da exposição. Tínhamos ali um objetivo em comum. Impregnar a pele com as suas memórias e criar uma memória outra desse encontro.





Durante os encontros, as pessoas também me entregavam as suas fitas k7s. Nessas fitas pude entrar no universo de cada um, nas suas conversas mais íntimas, nas suas playlists, na conversa de uma neta com sua avó, de duas adolescentes separadas por uma mudança, em karaokês, declarações de amor entre dois namorados, uma fita de uma correspondência de dois jovens namorados, onde um grava em cima do que o outro diz, e cria um terceiro discurso, uma pessoa que toca para a outra. Fitas cheias de conversas. Fitas encarnadas de imagens, de corpos. Como ouvir alguém pode ser algo tão criador de imagens?



Dizem que a memória é uma ilha de edição, mas durante o processo percebi que ali, para aquela exposição, não fazia sentido editar, escolher, selecionar nada. A escolha vinha da memória dos outros, do material que foi escolhido para ser compartilhado. Não cabia a mim ali escolher nada. Talvez um pudor, um pudor bobo de interferir mais ainda. O que eu estava propondo ali era uma coleção, colecionar memórias, colecionar corpos, sons e afetos. Um acúmulo de imagens e sons. Tudo o que me foi dado foi incorporado na exposição. Na exposição foram criados dois espaços. Uma sala de projeção onde os filmes eram projetados, numa ordem aleatória, sem formar blocos. Cada filme tinha normalmente 3 minutos, o tempo do rolinho super 8. No final da exposição tinham 4 horas e meia de filme mais ou menos. Quatro horas e meia de memórias minhas, emprestadas. Uma memória inventada.

As fitas K7s também não foram editadas. As fitas, muitas vezes, eram confissões, numa conversa íntima, de afeto e confiança. Uma conversa, uma playlist, uma serenata, uma festa, um acalanto. A imagem do filme *A fraternidade é vermelha* me acompanhou desde o início. Para cada fita, um fone. Um som para um, só para você. Como se aquela fita tivesse sido gravada para você, ou ainda, tendo você como testemunha desse encontro. A imagem do “chuveiro de fones”. A proximidade dos corpos na escuta, a troca de olhares, o que as memórias compartilhadas são capazes de produzir me interessam como pesquisa. Aqui tive a colaboração do Daniel Castanheira, parceiro que conseguiu traduzir tudo aquilo numa imagem concreta.



Durante seis meses, morei em Belo Horizonte e fui pedindo aqui e ali a memória dos outros e colecionando essas imagens, corpos, encontros, sons. Acho que, pela natureza do trabalho, por ser de uma intimidade profunda, precisei de um distanciamento. Hoje, quase 10 anos depois do projeto realizado, revisitando o material para a construção dessa fala, me deu vontade de fazer um curta, pensando nessa memória como uma ilha de edição, vontade de editar as imagens, os sons e construir uma memória outra, uma memória inventada. Quem sabe...

Para ver as imagens, um teaser com algumas imagens selecionadas clique aqui – <https://vimeo.com/103157128>

Para ouvir o som, trechos selecionados das fitas clique aqui

Por favor, coloque o fone para ouvir sozinho. - <https://vimeo.com/79184923>